



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

O SILÊNCIO COMO FORMA DE RESISTÊNCIA E CURA NO ROMANCE
“SORRY”.

Vagner Mathias Vieira

Rio de Janeiro

2025

Vagner Mathias Vieira

**O SILÊNCIO COMO FORMA DE RESISTÊNCIA E CURA NO ROMANCE
“SORRY”.**

Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do
Rio de Janeiro, como requisito parcial
para obtenção do título de
Licenciatura em Letras na habilitação
Português / Inglês.

Orientador: Prof.º Dr.º Rogério Tilio

Rio de Janeiro

2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço, acima de tudo, ao meu Senhor e Salvador Jesus Cristo por me permitir realizar meu sonho de estudar e concluir o ensino superior e me ajudar durante todo este processo. Também agradeço à minha amada esposa Priscila, que me apoiou incondicionalmente na realização deste sonho. A minha amada mamãe, Vera Lucia, e minha amada vovó, Dona Severina, que me fortaleceram desde o início da minha graduação. Meus filhos, Junior, Julia e Igor, que aceitaram a minha ausência durante todo o período das aulas. Aos meus clientes, que sempre me incentivaram e aceitaram ajustar seus horários para me permitir estudar sem deixar de trabalhar. Aos meus barbeiros, Welisson, Xandinho, Pedro e Fox, que, na minha ausência, mantiveram nossas barbearias em funcionamento para atender nossos clientes, e, dessa forma, me deram a tranquilidade necessária para estudar. E, por fim, a todos os professores, todos os alunos que dividiram as classes comigo e todos os funcionários do prédio de Letras da UFRJ; sem eles, seria impossível eu alcançar meu sonho.

RESUMO

Este trabalho analisa o papel do silêncio como forma de resistência e cura no romance *Sorry*, de Gail Jones, dentro do contexto da literatura pós-colonial australiana. A narrativa aborda as marcas do trauma, da exclusão e da opressão por meio de personagens que vivenciam o silenciamento imposto tanto por questões pessoais quanto pelo cenário colonial britânico. A pesquisa se fundamenta em estudos críticos e teóricos que exploram o silêncio como recurso narrativo e como mecanismo de sobrevivência e contestação. Além disso, investiga-se como a ausência de voz pode ser interpretada não apenas como um símbolo da marginalização, mas também como um espaço de reconstrução e resiliência. A metodologia adotada inclui a análise textual e crítica literária, baseada, em parte, na bibliografia utilizada no curso que este Romance me foi apresentado.

Palavras-chave: silêncio, trauma, resistência, pós-colonialismo, literatura australiana, Gail Jones.

ABSTRACT

This study examines the role of silence as a form of resistance and healing in Gail Jones' novel *Sorry*, within the context of postcolonial Australian literature. The narrative addresses the marks of trauma, exclusion, and oppression through characters who experience imposed silence, both due to personal circumstances and the broader framework of British colonialism. The research is based on critical and theoretical studies that explore silence as a narrative device and a mechanism of survival and defiance. Furthermore, it investigates how the absence of voice can be interpreted not only as a symbol of marginalization but also as a space for reconstruction and resilience. The adopted methodology includes textual analysis and literary criticism, based, in part, on the bibliographies used during the course in which this novel was presented to me.

Keywords: silence, trauma, resistance, postcolonialism, Australian literature, Gail Jones.

Sumário

INTRODUÇÃO	8
1. O SILÊNCIO NA VIDA DE PERDITA: TRAUMA E ISOLAMENTO.....	13
1.1 Infância e silêncio: a negligência dos pais	13
1.2 O desenvolvimento da gagueira	14
1.3 Silêncio como refúgio emocional	16
2. MARY E O SILÊNCIO COLETIVO: RESISTÊNCIA COLETIVA.....	18
2.1 Silêncio como resposta à opressão colonial	18
2.2 A amizade silenciosa entre Perdita e Mary	19
2.3 Resistência cultural e preservação da identidade	21
3. O SILÊNCIO COMO FERRAMENTA DE CURA	23
3.1 Cura emocional e reintegração através do silêncio	23
3.2 Silêncio como processo redentor	24
3.3 O silêncio como testemunha da história	25
4. O SILÊNCIO NA ESTRUTURA NARRATIVA E NO ESTILO DE GAIL JONES	28
4.1 O estilo literário de Gail Jones e o uso do silêncio	28
4.2 O simbolismo do silêncio no romance	30
5. CONCLUSÃO	32
6. CONCLUSÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS.....	37
APÊNDICES.....	38
APÊNDICE A – Trechos selecionados do romance *Sorry*	38
APÊNDICE B – Tabela comparativa: silêncio como opressão x agência	38
APÊNDICE C – Linha do tempo do silêncio na narrativa	39

APÊNDICE D – Entrevista fictícia com Perdita	39
APÊNDICE E – Mapa dos locais fictícios	40

1. Introdução

1.1 Contextualização do Romance

O romance *Sorry*, escrito pela australiana Gail Jones, tem como pano de fundo, em sua grande parte, o interior da Austrália durante o período da Segunda Guerra Mundial. A narrativa tem como personagem principal a jovem Perdita, fruto de um casamento controverso, marcado pelos acontecimentos que envolveram o encontro de seus pais, Nicholas e Stella. Nicholas era um ex-combatente da Primeira Guerra Mundial e, por apresentar sequelas físicas de um estilhaço de granada, foi obrigado a deixar os campos de batalha. Pelo mesmo motivo, foi dispensado da guerra seguinte. Possuía boas condições de vida, mas preferiu o desafio de mudar de continente e de vida em troca da possível honra da descoberta científica. Stella era uma mulher simples, que encontrou nos versos de Shakespeare algum sentido para sua vida, aparentemente sem perspectiva de futuro, até que, acidentalmente, encontrou seu futuro marido. Durante o casamento, uma decisão unilateral por parte de Nicholas levou o casal à Austrália.

A tragédia começou de fato na vida de Stella na primeira noite do casal em solo australiano, quando Nicholas mostrou, mais uma vez, que suas vontades prevaleceriam sobre as dos outros, independentemente do querer destes. Em um ato, novamente unilateral, Nicholas deu seu primeiro sinal de brutalidade, violentando sua esposa no que era para ser sua primeira noite de núpcias. A partir daquele momento, os pensamentos de Stella ficaram desorganizados. Pouco depois, ela surge grávida. A gravidez inesperada trouxe à vida uma menina que já inicia sua trajetória de rejeição ainda no ventre da mãe. Seu pai nunca quis sua chegada; sua mãe, acometida por distúrbios mentais, abdicou da filha logo no primeiro dia. Com isso, seus cuidados maternos ficaram por conta dos anfitriões da família recém-formada em terras australianas, o senhor e a senhora Keene.

No decorrer da infância, Perdita e Billy, um jovem surdo-mudo, filho dos donos da casa, iniciam uma amizade que duraria longos anos e encontraria muitas dores. Em determinado momento, juntou-se a eles, não por vontade própria, a jovem Mary, uma nativa aborígine que veio trabalhar na propriedade da família Keene, mais especificamente para ajudar nos cuidados de Stella. Mary, que não falava com perfeição

a língua dos colonizadores, se juntou aos jovens daquela localidade, formando, com isso, “a tríade das vozes sufocadas”, assim denominada. Isso se justifica pelo fato de Perdita falar a língua dos colonizadores, Billy ser surdo-mudo e Mary falar a língua nativa e pouco compreender o idioma de Perdita, além do contexto sócio-histórico-cultural que envolve os personagens. Juntos, eles trilharam a estrada da amizade e os caminhos da confiança.

Três jovens alimentaram uma amizade duradoura sem que conseguissem se comunicar entre si de maneira totalmente compreensível. A barreira da comunicação assertiva foi quebrada pelos momentos de silêncio, que agia como um tradutor para as situações em que não havia entendimento entre os amigos. Além desta trindade de amigos, estava sempre presente, em momentos cruciais da narrativa, outro ser que oferece mais subsídios ao tema do silêncio neste romance: o cão australiano, que, por razões naturais, não falava, mas cuja presença aprofundava a exploração do tema pela autora. A terceira camada de personagens que compõem o início da narrativa é formada pelos trabalhadores da propriedade e por tribos aborígenes, que fazem algumas aparições abordando a relação conflituosa entre colonizadores e colonizados.

Enquanto Perdita enraizava seus laços de amizade, Stella se aprofundava na escuridão da loucura, chegando a ser internada algumas vezes em hospitais psiquiátricos. Nicholas, por sua vez, não avançava em sua pesquisa acadêmica, cujo objetivo era provar que os aborígenes eram seres inferiorizados humanamente, sem inteligência, sem capacidade de pensar, aprender ou raciocinar, e que eram feitos para serem explorados e úteis para o que homens “superiores”, como ele acreditava ser, desejassem. Com esse tipo de pensamento, ele estuprou diversas vezes a cozinheira da família Keene, Martha, chegando a engravidá-la — algo que motivou sua saída da casa. Ela partiu sem denunciar por medo das ameaças de Nicholas. Novamente, o silêncio de um personagem se faz presente na trama.

Nicholas sentia prazer em violentar sexualmente Martha, movido não apenas por seu pensamento racista e supremacista, mas também pelo masoquismo de ver sua vítima sentir dor ao ponto das lágrimas correrem em silêncio, apenas em sussurros de sofrimento. Além disso, havia a necessidade fisiológica sexual não atendida pela repulsa que sentia por sua esposa. A saída de Martha obrigou Nicholas a satisfazer seus infames desejos em outra aborígene: a jovem amiga de sua filha, Mary. Em seu ato final de

violência, Nicholas foi esfaqueado e morto. Ao cometer esse fratricídio, Perdita perdeu a capacidade de unir letras, sílabas e palavras fluentemente, entrando em uma espiral que a deixou gaga até atingir um silêncio quase total. Imediatamente, Mary confessou o crime, o que a levou à prisão e quebrou, assim, o ciclo virtuoso de amizade entre os três jovens e o cachorro, que também presenciou o crime.

Com esse breve resumo, observamos que a autora faz uso do silêncio de seus personagens, em grande parte da obra, como um fio condutor para guiar os menos afortunados. Através do silêncio, Jones perscruta as camadas mais profundas dos personagens que criou e, mesmo que pareça paradoxal, “fala”, por meio do silêncio, com seus leitores, de acordo com (HEIDEGGER, 2003, p.10, apud ROCHA; RESE, 2003, p.10)¹, sobre trauma, opressão, exclusão social, resistência e cura. A identidade de cada personagem principal possui uma relação estreita com o silêncio em sua vida. No contexto colonial britânico-australiano, o silêncio é uma ferramenta que a autora utiliza para intensificar os conflitos internos e externos entre os personagens e suas representações na literatura.

1.2 A Importância do Tema Silêncio na narrativa de Sorry, de Gail Jones, e sua representatividade nos personagens

O silêncio desempenha um papel fundamental ao longo de toda a obra, não apenas como um recurso estilístico, mas também como um meio de explorar as camadas de personalidade dos personagens e as dinâmicas de opressão e resistência presentes no contexto colonial australiano. O romance entrelaça as relações pessoais dos protagonistas, onde o não dito carrega tanto significado quanto as palavras pronunciadas, e onde o silêncio se manifesta como resposta ao trauma, à marginalização e à busca por identidade.

Na literatura, o silêncio ultrapassa os limites que as palavras proferidas impõem à compreensão textual daqueles que as leem, funcionando como um elemento narrativo que intensifica a introspecção dos personagens e enriquece a experiência do leitor. Se Spivak (1988, p.271) enfatiza o silenciamento do subalterno como violência colonial,

¹ ^1^ Todas as citações de Heidegger neste trabalho são referências indiretas, conforme apresentadas por Rocha e Rese (2003).

Belleflamme (2015, p.89) avança ao propor que o mesmo silêncio pode tornar-se um espaço de agência. Em *Sorry*, essa dualidade manifesta-se na contradição entre a imposição do silêncio sobre Mary (como subalterna) e sua ressignificação como resistência cultural. Assim, a obra não apenas ilustra a tese de Spivak sobre a privação da voz, mas também exemplifica o 'luto ético' de Belleflamme, onde o não-dito se transforma em linguagem política. Como aponta Belleflamme (2015), “*Sorry* oferece novas possibilidades de luto ético, permitindo que os mortos retornem e os sem voz falem.” Essa reflexão sobre o luto e a memória é central na trajetória de Perdita, que, ao longo da narrativa, é obrigada a confrontar o peso do silêncio imposto por sua mãe e pela sociedade colonial em que está inserida.

A importância do silêncio como forma de resistência também pode ser observada na literatura pós-colonial, onde histórias não contadas e vozes marginalizadas encontram espaço para serem ressignificadas. Segundo Spivak (1988, p.280), muitas vezes o subalterno não consegue se fazer ouvir dentro das estruturas dominantes, pois seu discurso é filtrado pelos sistemas de poder que moldam a narrativa histórica. Em *Sorry*, Mary incorpora essa realidade, sendo uma personagem cuja identidade e história são frequentemente apagadas ou ignoradas pelos colonizadores. Seu silêncio, porém, não é vazio; ao contrário, representa a recusa em se submeter à imposição cultural dos brancos e a preservação de sua herança ancestral.

Por fim, o silêncio em '*Sorry*' não é apenas um tema, mas um fio condutor que estrutura a narrativa e espelha as tensões coloniais da Austrália. Como argumenta Spivak (1988), a impossibilidade de fala do subalterno não significa ausência de agência; antes, o silêncio de Mary e Perdita transforma-se em linguagem de resistência. Gail Jones, assim, constroi uma obra onde o não-dito revela tanto quanto – e às vezes mais que – o discurso explícito, expondo tanto a violência do silenciamento histórico quanto a resiliência daqueles que se recusam a ser apagados.

1.3 Objetivos da Monografia e Metodologia

Esta monografia tem como objetivo analisar o papel do silêncio na narrativa de *Sorry*, de Gail Jones, e sua representatividade nos personagens da obra. Partimos da premissa de que o silêncio, mais do que um simples recurso estilístico, constitui um elemento central na construção das relações interpessoais, na manifestação do trauma e

na resistência frente às estruturas coloniais opressoras. Dessa forma, buscamos compreender como a autora utiliza o silêncio como um mecanismo de significação, explorando seus desdobramentos nas experiências de Perdita, Mary e Billy, bem como sua relação com o contexto histórico da colonização australiana.

Para conduzir essa análise, utilizaremos, entre os textos fundamentais que nortearão esta pesquisa, as reflexões de Spivak (1988) sobre o silenciamento do subalterno, as discussões de Belleflamme (2015) sobre o luto ético e a memória, bem como a dissertação de Rafael Santos de Sousa, *As Intertextualidades Pós-Coloniais do Estupro em Sorry*, de Gail Jones, que traz uma abordagem aprofundada sobre os aspectos pós-coloniais e de violência presentes na narrativa. A partir dessas referências, propomos uma leitura crítica que busca evidenciar como o silêncio funciona como um fio condutor na obra, permeando desde os conflitos individuais dos personagens até as tensões sociais e políticas do período retratado.

Metodologicamente, esta pesquisa se fundamenta na análise textual e na crítica literária, considerando a intertextualidade presente na obra e os diálogos que estabelece com o pensamento pós-colonial. A abordagem adotada será qualitativa, baseando-se na interpretação dos elementos narrativos e simbólicos que reforçam a centralidade do silêncio na construção da história. Além disso, nos apoiaremos em estudos teóricos da área para embasar nossas reflexões e garantir uma análise aprofundada e coerente com a proposta desta monografia.

Dessa maneira, ao longo deste trabalho, buscaremos demonstrar como Gail Jones emprega o silêncio para articular temas como trauma, identidade e exclusão social, oferecendo uma leitura que transcende a dimensão individual dos personagens e alcança um panorama mais amplo das consequências do colonialismo australiano.

1. O silêncio na vida de Perdita: Trauma e Isolamento

O silêncio acompanha Perdita desde seus primeiros anos de vida, estabelecendo-se como uma presença constante e, por vezes, esmagadora; em momentos mais oportunos, podemos ouvir a voz da narradora, já adulta e revisitando seu passado, descrevendo situações que a Perdita, ainda criança não conseguiria descrever. Diferente de outros personagens que se apropriam do silêncio por escolha, resistência ou identidade, para Perdita ele surge como uma imposição, resultado direto da negligência familiar, do trauma e da opressão emocional que a cercam. Filha de um pai ausente e de uma mãe instável mentalmente, Perdita cresce sem referências afetivas sólidas, encontrando no silêncio um refúgio involuntário. Seu processo de isolamento se intensifica após o assassinato de Nicholas, evento que rompe qualquer possibilidade de estabilidade emocional e culmina no desenvolvimento de sua gagueira. O silêncio passa a ser tanto um sintoma quanto um mecanismo de defesa, aprofundando sua introspecção e moldando sua maneira de existir no mundo. Este capítulo analisará as diferentes manifestações do silêncio na vida de Perdita, observando como ele se inicia por meio de um instrumento de sofrimento, e como finaliza como um pavimento para sua jornada de reconstrução emocional.

1.1 Infância e Silêncio: A Negligência dos Pais

Desde seus primeiros anos de vida, Perdita cresceu cercada por um ambiente de isolamento emocional e comunicação fragmentada. Filha de um pai autoritário e de uma mãe psicologicamente instável, a protagonista de *Sorry* encontrou no silêncio um refúgio inevitável. Seu pai, Nicholas, demonstrava pouca ou nenhuma afeição pela filha, pois enxergava sua existência como um estorvo, reforçando um ciclo de rejeição que moldou sua identidade desde a infância. Já Stella, imersa em sua obsessão por Shakespeare e lutando contra suas próprias fragilidades emocionais, era incapaz de oferecer qualquer suporte afetivo à filha. O lar de Perdita, se é que podemos chamar de uma lar, na essência da palavra, em vez de um espaço de proteção, era um cenário de silêncio imposto, onde as palavras não tinham lugar e os sentimentos eram suprimidos.

A negligência parental na vida de Perdita não se manifesta apenas pela ausência de demonstração física de afeto ou de diálogo, mas também pela falta de

reconhecimento de sua existência como sujeito. Conforme Wang (2020, p.335) aponta, a infância de Perdita foi marcada pelo distanciamento emocional dos pais, que a tratavam mais como uma presença tolerada do que como uma filha amada. “Ela era uma criança indesejada” e cresceu sob o peso dessa rejeição, algo que a fez buscar refúgio em laços afetivos alternativos, como sua amizade com Mary e Billy . Esse distanciamento afetivo se reflete diretamente na forma como Perdita aprende a se relacionar com o mundo: com hesitação, medo e uma crescente dificuldade de expressão.

A conexão entre negligência e silêncio é um dos pontos centrais da narrativa. A obra de Gail Jones trabalha com o conceito de que a ausência de comunicação dentro do núcleo familiar não é apenas um efeito colateral da falta de afeto, mas uma estratégia de dominação e apagamento. Sousa (2021) observa que, no romance, o silêncio é uma marca da interdição da voz dos subalternizados, e que essa imposição atinge também a própria protagonista, que internaliza essa supressão e a manifesta por meio da gagueira desenvolvida na adolescência .

Além da negligência emocional, Perdita também enfrentava o peso da indiferença do pai em relação ao seu próprio crescimento. Nicholas, consumido por suas ambições acadêmicas e sua visão distorcida sobre os povos aborígenes, ignorava qualquer necessidade da filha. Esse descaso reflete a ausência de vínculos reais entre eles, deixando Perdita à margem da própria família. Esse sentimento de exclusão é essencial para entender a evolução de seu silêncio ao longo da narrativa.

Portanto, a infância de Perdita foi um período de formação marcado pela ausência, onde o silêncio não era apenas uma escolha, mas uma imposição resultante da negligência e do abandono emocional. Essa experiência não apenas moldou sua identidade, mas também serviu como ponto de partida para sua relação problemática com a fala e a comunicação ao longo da vida.

1.2 O Desenvolvimento da Gagueira

A gagueira de Perdita surge como um sintoma direto do trauma e do silenciamento imposto pelas circunstâncias que a rodeiam. Desde a infância, a comunicação sempre foi um desafio em sua vida, pois seus pais nunca lhe ofereceram um ambiente seguro para a expressão verbal. Stella, mergulhada em seus próprios

delírios, nunca lhe deu atenção, e Nicholas, por sua vez, jamais demonstrou qualquer interesse em ouvir a filha. No entanto, o evento que realmente desencadeia a gagueira ocorre de maneira abrupta e definitiva: a morte do pai.

O assassinato de Nicholas marca o rompimento definitivo da fala de Perdita. O choque, a culpa e o medo da repressão materna consolidam-se em seu corpo na forma de um bloqueio comunicacional. A ordem de Stella para que Perdita não diga nada sobre o ocorrido é, na prática, uma sentença condenatória para os próximos anos de sua vida, tornando o silêncio não apenas um refúgio, mas uma prisão insalubre que irá pô-la em cárcere por anos. Sousa (2021) pontua que “o trauma deixa marcas que ultrapassam a materialidade da violência sofrida, impondo bloqueios na comunicação e instaurando um silêncio forçado que é tão violento quanto o próprio ato traumático” (SOUSA, 2021, p. 34) . Perdita não apenas perde a capacidade de expressar-se fluentemente, mas também desenvolve um medo da própria linguagem, como se as palavras fossem perigosas ou pudessem, de alguma forma, intensificar sua dor.

Essa conexão entre trauma e linguagem é um fenômeno amplamente estudado dentro da literatura pós-colonial. Wang (2020, p.124) destaca que, em Sorry, “a voz dos colonizadores é a que impõe a narrativa dominante, enquanto as vozes dos oprimidos são silenciadas ou relegadas à margem”. Perdita se encontra presa entre esses dois extremos, sem conseguir se expressar livremente em nenhum deles” (WANG, 2020, p. 128) . Dessa forma, a gagueira de Perdita não é apenas uma consequência do trauma, mas também um reflexo da posição ambígua que ela ocupa dentro da estrutura colonial e familiar.

A perda da fluência verbal de Perdita a torna ainda mais marginalizada em um mundo que já lhe negava espaço. A comunicação hesitante a coloca em uma posição de fragilidade constante, onde sua voz – já pouco ouvida antes – agora é interrompida por pausas e repetições involuntárias. Belleflamme (2015) observa que “o silêncio pode ser tanto um espaço de resistência quanto uma armadilha que aprisiona aqueles que não encontram um canal legítimo para expressar suas dores” (BELLEFLAMME, 2015, p. 105) . No caso de Perdita, essa dualidade é evidente: sua gagueira a isola ainda mais, mas também a protege de confrontar verbalmente o passado que a assombra.

Além disso, a gagueira funciona como um elemento estilístico no romance. Gail Jones utiliza o ritmo da fala de Perdita para marcar sua evolução emocional e psicológica. Nos momentos de maior angústia, suas palavras são ainda mais fragmentadas; nos raros momentos de conforto, ela consegue articular melhor suas frases. Jones faz uso desse elemento para trazer ao leitor o sentimento de incapacidade e dor que Perdita sentia; em muitos momentos, a leitura se torna ofegante e cansativa devido ao esforço intelectual que o leitor precisa diante das falas da protagonista. Além disso, esse uso da linguagem reflete o próprio processo de memória e luto da personagem, onde o que é dito e o que é silenciado revelam camadas mais profundas de sua psique.

Portanto, o desenvolvimento da gagueira de Perdita em *Sorry* não pode ser visto apenas como um transtorno fonológico, mas como um sintoma da opressão emocional e histórica que a personagem carrega. Seu trauma é verbalizado na forma de hesitação, pausas e repetições, transformando sua dificuldade de fala em um espelho de sua dificuldade de existir plenamente em um mundo que nunca lhe deu voz.

1.3 Silêncio como Refúgio Emocional

Se no início da vida de Perdita o silêncio era uma imposição resultante da negligência dos pais e, posteriormente, da gagueira desencadeada pelo trauma, ele também se transforma em um refúgio. Incapaz de se expressar fluentemente e isolada de qualquer suporte emocional, Perdita encontra no silêncio uma forma de se proteger do mundo ao seu redor. A comunicação hesitante não apenas a impede de ser compreendida pelos outros, mas também a blinda de confrontar seus próprios medos e memórias.

O silêncio, nesse contexto, não é apenas ausência de fala, mas um espaço no qual Perdita pode se recolher, evitando revisitar os traumas que a marcaram. Conforme Belleflamme (2015) observa, “o silêncio pode ser tanto um espaço de resistência quanto uma armadilha que aprisiona aqueles que não encontram um canal legítimo para expressar suas dores” (BELLEFLAMME, 2015, p. 105) . No caso de Perdita, essa ambivalência do silêncio se manifesta de maneira evidente: ao mesmo tempo em que o silêncio lhe oferece uma sensação de controle, ele também reforça seu isolamento e impede sua recuperação emocional.

Sua relação com Mary e Billy é um reflexo dessa dinâmica. Ambos são personagens que, assim como Perdita, têm dificuldades de comunicação – Billy por sua surdez, Mary por ser uma jovem aborígene vivendo em um ambiente dominado pela língua dos colonizadores. Entre eles, o silêncio se torna uma linguagem compartilhada, um território onde a ausência de palavras não é sinônimo de ausência de compreensão. Sousa (2021) argumenta que “em contextos de opressão, o silêncio pode ser uma forma de comunicar o que não pode ser dito dentro das estruturas dominantes” (SOUSA, 2021, p. 82) . Dessa forma, mesmo que Perdita não consiga expressar plenamente seus sentimentos, ela encontra em Mary e Billy uma conexão silenciosa que lhe permite existir sem ser forçada a verbalizar seu sofrimento.

Além de um mecanismo de proteção emocional, o silêncio também é uma forma de resistência contra a narrativa imposta pelos adultos ao seu redor. Perdita não apenas se cala porque não consegue falar, mas porque, de certa forma, não quer compartilhar suas experiências com aqueles que não as compreenderiam. Wang (2020) sugere que a linguagem do colonizador é carregada de imposições e expectativas, e o silêncio pode ser uma "recusa a se submeter a essa estrutura" (WANG, 2020, p. 124) . No caso de Perdita, isso se manifesta na maneira como ela evita falar sobre o assassinato de Nicholas, não apenas por obediência à ordem da mãe, mas porque colocar o evento em palavras significaria torná-lo ainda mais real.

Dessa forma, o silêncio em *Sorry* não é apenas um sintoma do trauma de Perdita, mas também um espaço de refúgio e um mecanismo de sobrevivência. Ele a protege, mas também a aprisiona, criando um ciclo do qual ela só poderá sair ao ressignificar sua relação com a linguagem e com sua própria história.

2. Mary e o Silêncio Coletivo: Resistência Coletiva

O silêncio não se manifesta apenas como um reflexo do trauma individual, mas também como uma marca da opressão coletiva. Se para Perdita o silêncio surge como uma consequência da dor e do isolamento emocional, para Mary ele se apresenta como um ato de resistência. Como jovem aborígene vivendo sob o domínio colonial, Mary cresce em um ambiente onde sua identidade é constantemente desvalorizada, sua voz é silenciada e sua cultura é ameaçada. Diante desse cenário, seu silêncio não é uma simples ausência de fala, mas uma recusa ativa em se submeter às imposições dos colonizadores. Este capítulo analisará o silêncio de Mary não como um sinal de submissão, mas como uma ferramenta de preservação cultural e identitária, explorando como a amizade silenciosa entre ela e Perdita transcende as barreiras linguísticas e sociais impostas pelo contexto colonial.

2.1 Silêncio como Resposta à Opressão Colonial

O silêncio de Mary em *Sorry* não é um reflexo da submissão, mas um ato de resistência. Em um contexto colonial onde sua cultura, sua língua e sua própria existência são, além de desvalorizadas, desumanizadas, a ausência de palavras não representa falta de pensamento ou sentimento, mas sim uma recusa ativa em se submeter ao discurso dominante. Enquanto os colonizadores tentam impor uma narrativa que define os povos aborígenes como primitivos e inferiores, Mary opta por não se encaixar nesse sistema, utilizando o silêncio como uma ferramenta de preservação de sua identidade.

A relação entre colonialismo e silêncio é um tema recorrente em narrativas pós-coloniais. Segundo Sousa (2021), “o silêncio dos personagens subalternizados não deve ser interpretado como ausência de agência, mas como um espaço onde formas alternativas de resistência são construídas” (SOUSA, 2021, p. 92). Essa perspectiva ajuda a compreender o comportamento de Mary: sua aparente passividade não é sinônimo de aceitação, na verdade, o silêncio de Mary é sua ferramenta de trabalho ativo diante da tentativa de sufocamento de sua cultura; além de ser um escudo que a protege diante de seus opressores, o silêncio proposital se torna uma poderosa arma para

resistir às tentativas constantes de silenciar não apenas sua voz aborígene, mas também sua cultura nativa.

Além disso, Mary não domina completamente a língua dos colonizadores, o que reforça sua posição de marginalidade frente aos invasores. No ambiente da família Keene, ela se comunica de forma limitada, sempre entrecortada pelo olhar de desconfiança de Nicholas e pela indiferença de Stella. Sua presença na casa é tolerada, mas sua voz nunca é realmente ouvida. Belleflamme (2015) pontua que “o colonialismo não apenas silencia as vozes indígenas, mas também distorce suas narrativas, apropriando-se de sua história e esvaziando seu significado” (BELLEFLAMME, 2015, p. 77) . Esse silenciamento estrutural se reflete na forma como Mary interage com o mundo: falando apenas quando necessário, evitando confronto direto e utilizando o silêncio como uma barreira contra a violência simbólica imposta pelo colonialismo.

Mesmo em sua amizade com Perdita, Mary mantém essa postura. Entre as duas, o silêncio é tanto um obstáculo quanto um espaço de compreensão mútua. Enquanto Perdita luta contra sua gagueira, tentando se expressar dentro de um sistema que a oprime, Mary aceita o silêncio como parte de sua identidade e de sua herança cultural. Wang (2020) sugere que para os povos indígenas, o silêncio não é ausência de comunicação, mas um modo de interação que rejeita a imposição da linguagem dos colonizadores (WANG, 2020, p. 124) . Isso sugere que, para Mary, permanecer em silêncio é mais do que uma consequência da opressão; é uma escolha consciente que preserva sua identidade nativa dentro de um espaço opressor que tenta apagá-la.

Assim, o silêncio de Mary deve ser entendido dentro de um contexto maior de resistência cultural. Ele não significa passividade ou conformismo, mas sim uma rejeição à narrativa colonial que tenta controlá-la. Seu silêncio carrega o peso de uma história de opressão, mas também a força de uma tradição que resiste mesmo diante da tentativa de apagamento. Com isso , Sorry apresenta o silêncio não apenas como um reflexo da dor, mas como uma linguagem própria, utilizada por aqueles que se recusam a desaparecer.

2.2 A Amizade Silenciosa entre Perdita e Mary

A amizade entre Perdita e Mary é construída sobre um alicerce incomum: o silêncio. Se em outros contextos a ausência de palavras poderia representar um

obstáculo para a comunicação, no caso das duas jovens, ela se torna um espaço de compreensão mútua. Perdita, com sua gagueira, e Mary, cujo domínio da língua dos colonizadores é limitado, encontram uma forma de se relacionar que transcende a necessidade da fala. O que para outros poderia ser visto como uma barreira, para elas se torna um vínculo de cumplicidade e respeito.

A comunicação entre Perdita e Mary ocorre de maneira fragmentada, mas significativa. O silêncio entre elas não é vazio, mas preenchido por gestos, olhares e experiências compartilhadas. Segundo Sousa (2021), “o silêncio, em contextos de exclusão, pode ser mais eloquente do que a própria linguagem, pois permite que subjetividades marginalizadas se reconheçam sem a necessidade de mediação do discurso dominante” (SOUSA, 2021, p. 110). Essa perspectiva ajuda a entender como a amizade das duas personagens se desenvolve sem a necessidade de diálogos constantes. Mais do que isso, a comunicação entre as amigas encontra sentido porque está baseada no amor e na compaixão compartilhada uma pela outra; pois, mesmo quando não há palavras que expressem seus sofrimentos, ambas se compadecem das opressões que a semelhante sofre, o que permite que a comunicação encontre a assertividade necessária para compreensão mútua, o que em outras ocasiões a expressão verbal poderia não alcançar.

Além disso, o silêncio entre Perdita e Mary serve como uma alternativa à imposição da linguagem colonial. Belleflamme (2015) destaca que “o domínio da língua do colonizador é frequentemente um requisito para a aceitação social, mas o silêncio pode se tornar uma ferramenta para desafiar essa imposição, criando espaços de comunicação que não dependem das estruturas de poder linguístico” (BELLEFLAMME, 2015, p. 92). Ao se comunicarem dentro dos seus próprios termos, as duas jovens rejeitam, mesmo que inconscientemente, as normas impostas pelo sistema colonial que busca homogeneizar a linguagem oral com os padrões do colonizador e, ao escantear os contrários aos seus interesses, silenciar as diferenças culturais.

Outro fator essencial nessa relação é o papel do silêncio como proteção. Para ambas, falar pode representar um risco – Perdita carrega o peso da ordem de sua mãe para que não revele o assassinato de Nicholas, enquanto Mary vive em um mundo onde suas palavras dificilmente seriam ouvidas ou levadas a sério. Dessa forma, o silêncio

entre elas não é apenas uma forma de conexão, mas também um pacto de proteção mútua. Wang (2020) aponta que “em narrativas pós-coloniais, o silêncio compartilhado pode representar uma forma de resistência e solidariedade entre os marginalizados, permitindo que eles criem um espaço seguro onde sua identidade não é questionada” (WANG, 2020, p. 135) . O crime cometido por Perdita contra seu pai, e a confissão de Mary culminam na demonstração deste intercâmbio de solidariedade entre marginalizados, uma vez que o silêncio por ambas diante daquele cenário afunilou ainda mais o espaço seguro que elas haviam construído.

Dessa maneira, a amizade entre Perdita e Mary é um exemplo da dualidade do silêncio em *Sorry*: ao mesmo tempo em que pode representar isolamento e dor, também pode se tornar um elo entre aqueles que, de outra forma, estariam completamente sozinhas. O silêncio entre elas não indica a ausência de comunicação, mas a criação de uma linguagem própria, onde a compaixão e o amor são suficientes para tudo fazer sentido.

2.3 Resistência Cultural e Preservação da Identidade

O silêncio de Mary em *Sorry* não é apenas uma consequência da sua posição marginalizada dentro da sociedade colonial, mas também um meio de preservar sua identidade cultural. Enquanto Spivak (1988, p.280) argumenta que o subalterno é obrigado a calar-se dentro das estruturas coloniais, Belleflamme (2015, p.102) demonstra que esse mesmo silêncio pode ser reapropriado como ato de resistência. Mary personifica essa tensão: seu silêncio é simultaneamente uma marca da opressão (como prevê Spivak) e um gesto de preservação cultural (como propõe Belleflamme)

O colonialismo historicamente utilizou a imposição da língua como um mecanismo de dominação. Belleflamme (2015) observa que “a língua do colonizador não é apenas um meio de comunicação, mas um instrumento de controle, e recusar-se a utilizá-la pode ser uma forma de resistência contra essa imposição” (BELLEFLAMME, 2015, p. 102) . Essa análise se aplica diretamente a Mary, cuja recusa em falar excessivamente o inglês pode ser interpretada como um esforço para evitar a total entrega desse controle aos colonizadores. Ter, pois, o seu corpo como escravo foi inevitável, porém, não aceitar o controle sobre a sua língua tornou-se um ato de resistência por Mary.

Outro ponto de interesse é o fato da cultura aborígine tradicionalmente valorizar formas de comunicação que vão além da linguagem verbal. Sousa (2021) aponta que “o silêncio, para muitos povos indígenas, é um elemento essencial da transmissão cultural, funcionando como uma maneira de ensinar, aprender e respeitar o ambiente e as pessoas ao redor” (SOUSA, 2021, p. 128) . Esse entendimento ajuda a ressignificar o silêncio de Mary não como um vazio, mas como um espaço carregado de significado, onde a comunicação ocorre de maneira não verbal, respeitando uma lógica cultural própria. Como mencionado em outro momento do presente trabalho, o silêncio por parte de Mary, portanto, possui papel agitivo, diferentemente do que uma leitura superficial pode sugerir.

A relação de Mary com Perdita também reflete esse aspecto da resistência cultural. Diferente de Billy, que vive um silêncio imposto por sua condição física, e de Perdita, cujo silêncio nasce do trauma, Mary encontra no silêncio uma forma de se conectar com sua ancestralidade. Como Wang (2020) ressalta, “o silêncio pode ser tanto um produto da opressão quanto um meio de escapar dela, criando espaços onde a cultura indígena pode sobreviver mesmo sob dominação colonial” (WANG, 2020, p. 135) .

Portanto, o silêncio de Mary em *Sorry* não pode ser visto como passividade, mas como uma estratégia de resistência ativa. Ele representa a luta contra o jugo forçado, a preservação de uma identidade, que é sistematicamente atacada, e a busca por um espaço onde sua cultura possa continuar existindo, mesmo diante da opressão colonial.

3. Silêncio Como Ferramenta de Cura

Se ao longo da narrativa o silêncio se manifesta como um reflexo da dor, da opressão e da exclusão, ele também desempenha um papel fundamental no processo de cura dos personagens. Para Perdita, o silêncio começa como uma imposição traumática, mas, ao longo de sua jornada, ele se transforma em um espaço de reconstrução emocional. Mary, por sua vez, utiliza o silêncio como uma forma de resistência, mas também como um meio de preservar sua identidade e encontrar força dentro de sua cultura. A ausência de palavras, que tantas vezes representou medo e repressão, gradualmente se ressignifica, tornando-se um meio de compreensão, introspecção e libertação. Este capítulo analisará como o silêncio, ao invés de ser apenas um elemento de sofrimento, pode se tornar uma ferramenta para a superação de traumas e para a reintegração dos personagens ao mundo que os cerca.

3.1 Cura Emocional e Reintegração Através do Silêncio

Ao longo de *Sorry*, o silêncio acompanha os personagens como um reflexo de seus traumas e da opressão que enfrentam. No entanto, conforme a narrativa avança, esse mesmo silêncio passa a adquirir novas camadas de significado, deixando de ser apenas um símbolo de repressão para se tornar um espaço de cura e transformação. Para Perdita, o silêncio, que antes era uma imposição derivada da culpa e do trauma, lentamente se torna um meio de reconstrução emocional. Em vez de apenas aprisioná-la, ele se torna um ambiente de reflexão, onde ela começa a dar sentido às suas experiências e a processar sua dor.

A transformação do silêncio em um espaço de cura é um tema comum em narrativas pós-coloniais. Como Belleflamme (2015) aponta, “o silêncio pode ser um espaço de reconstrução, no qual a personagem aprende a se ouvir e a se reconhecer” (BELLEFLAMME, 2015, p. 112). No caso de Perdita, sua jornada de cura não ocorre por meio da fala direta sobre o que aconteceu, mas sim através de um processo de aceitação gradual do seu silêncio como parte de sua identidade.

Outro aspecto essencial desse processo é a maneira como a relação de Perdita com Mary e Billy influencia sua recuperação. O silêncio compartilhado entre os três, que antes era uma barreira imposta pelas circunstâncias, torna-se um meio de conexão e

suporte emocional. Sousa (2021) argumenta que “o silêncio, quando compartilhado por aqueles que compreendem suas nuances, pode ser uma forma de cura coletiva, permitindo que traumas sejam processados sem a necessidade da verbalização explícita” (SOUSA, 2021, p. 128) . Dessa forma, o silêncio que antes isolava Perdita passa a ser um elo que a liga aos poucos espaços de acolhimento que ela encontra.

Além da dimensão pessoal, o silêncio também representa um processo de reintegração social. Para Perdita, aprender a conviver com sua gagueira e seu modo fragmentado de falar faz parte da aceitação de sua própria história. Wang (2020) ressalta que “a linguagem imposta pelo colonizador muitas vezes não comporta a totalidade das experiências dos marginalizados, e o silêncio pode ser tanto uma estratégia de resistência quanto um espaço de reconstrução pessoal” (WANG, 2020, p. 138) . Assim, ao invés de tentar forçar sua fala para se adequar ao mundo que a cerca, Perdita começa a aceitar seu próprio ritmo, permitindo-se existir sem a necessidade de conformidade absoluta.

Portanto, o silêncio em *Sorry* não é apenas um vestígio do trauma, mas também um meio pelo qual os personagens encontram formas de seguir em frente. Para Perdita, ele deixa de ser um peso e passa a ser um espaço de introspecção, aceitação e, até mesmo, refúgio. Sua jornada mostra que a cura nem sempre vem da fala, mas da capacidade de encontrar significado dentro do próprio silêncio.

3.2 Silêncio como Processo Redentor

O silêncio em *Sorry* não apenas acompanha os personagens em seus traumas e momentos de introspecção, mas também desempenha um papel crucial no processo de redenção. Ao longo da narrativa, o silêncio se transforma de um peso opressor em um meio de ressignificação, permitindo que os personagens enfrentem suas dores e busquem algum tipo de reparação, seja para consigo mesmos ou para com os outros.

Para Perdita, a redenção está profundamente ligada à sua relação com Mary. Desde o momento do assassinato de Nicholas, Perdita carrega consigo o peso da culpa – não apenas pelo crime em si, mas por ter permanecido em silêncio enquanto Mary assumia sozinha a responsabilidade pelo ocorrido. Essa culpa a acompanha por anos,

transparecendo-se, após a revelação dela como autora, em sua gagueira e no isolamento que escolheu para si. Belleflamme (2015) observa que “o silêncio pode ser um espaço de reconstrução, mas, quando imposto pelo trauma, também pode se tornar um fardo que impede o sujeito de seguir em frente” (BELLEFLAMME, 2015, p. 112). A jornada de Perdita em direção à redenção exige que ela encontre um meio de transformar esse silêncio paralisante em um silêncio que lhe permita compreender e aceitar sua própria história.

Mary, por sua vez, encontra na ausência de palavras uma forma de romper com a narrativa imposta pelos colonizadores. Em vez de se prender à dor, ela segue em frente, utilizando o silêncio como uma maneira de não perpetuar o discurso de violência que sempre a cercou. Sousa (2021) aponta que “o silêncio pode ser tanto um instrumento de apagamento quanto um meio de libertação, dependendo de como é apropriado pelo sujeito que o experimenta” (SOUSA, 2021, p. 134). No caso de Mary, sua jornada de redenção está ligada à sua capacidade de sobreviver e preservar sua identidade, mesmo após tudo o que sofreu.

A redenção em *Sorry* não se dá por meio da confissão explícita ou do perdão verbalizado, mas sim pela aceitação do passado e pela reconstrução silenciosa dos laços rompidos. Wang (2020) sugere que “em narrativas de trauma e memória, a redenção nem sempre está atrelada à fala; muitas vezes, ela se manifesta na capacidade de coexistir com o passado sem ser consumido por ele” (WANG, 2020, p. 145). Assim, Perdita não precisa necessariamente encontrar as palavras certas para pedir perdão a Mary – sua jornada de redenção se dá no reconhecimento de seu próprio silêncio e na busca por formas de seguir em frente sem negar sua história.

Dessa forma, o silêncio em *Sorry* deixa de ser apenas um vestígio do sofrimento dos personagens e se torna uma ferramenta para sua libertação. Tanto Perdita quanto Mary encontram maneiras de transformar a ausência de palavras em um espaço de reconstrução, onde podem finalmente ressignificar suas dores e buscar, dentro de si mesmas, a possibilidade de um recomeço.

3.3 O Silêncio como Testemunha da História

O silêncio em *Sorry* não é apenas um reflexo das dores individuais dos personagens, mas também um elemento que carrega e preserva a memória dos acontecimentos. Ele se manifesta como uma testemunha invisível da violência, da injustiça e das histórias que permanecem à margem da narrativa oficial. Em um contexto colonial, onde as vozes dos subalternizados são frequentemente apagadas ou distorcidas, o silêncio assume um papel crucial na manutenção da verdade. O que não pode ser dito ou reconhecido explicitamente continua existindo através do não dito, tornando o silêncio uma forma de resistência contra o esquecimento imposto. Gail Jones usa o silêncio nos seus personagens, como nos três amigos, por mim nomeado de “a tríade das vozes sufocadas”, também usa o silêncio como testemunha nos ambiente geográfico desértico da região australiana, o silêncio também encontra visibilidade no cachorro da família que também é testemunha do assassinato de Nicholas. Enfim, em todo romance, o silêncio está presente testificando a veracidade dos atos pela autora narrados.

No caso de *Perdita*, seu silêncio não apenas reflete seu trauma pessoal, mas também a impossibilidade de articular uma história que a sociedade se recusa a ouvir. Sua gagueira e sua introspecção a transformam em uma observadora, alguém que percebe a brutalidade do mundo ao seu redor sem conseguir intervir diretamente. Segundo Wang (2020), “o silêncio, em narrativas pós-coloniais, frequentemente funciona como um arquivo alternativo da história, preservando memórias que não encontram espaço na linguagem oficial” (WANG, 2020, p. 153) . Dessa forma, o silêncio de *Perdita* não apenas carrega sua própria dor, mas também as histórias não contadas daqueles que foram silenciados antes dela.

Mary também vivencia esse fenômeno. Como uma jovem aborígene, seu silêncio não é apenas uma escolha pessoal, mas um reflexo da estrutura colonial que historicamente marginalizou seu povo. Sousa (2021) aponta que “o silêncio dos povos indígenas em narrativas coloniais não é uma ausência de história, mas um testemunho da violência que os impede de falar dentro dos parâmetros estabelecidos pelo colonizador” (SOUSA, 2021, p. 140) . Nesse sentido, a recusa de Mary em falar abertamente sobre certos aspectos de sua vida não indica submissão, mas sim um esforço para manter sua própria identidade e memória intactas, evitando, assim, as distorções que o discurso colonial inevitavelmente faria ao contar a história do vencedor.

Além do nível individual, Sorry também utiliza o silêncio para evidenciar os apagamentos históricos e a forma como certas verdades são deliberadamente deixadas de lado. Belleflamme (2015) sugere que “o silêncio pode funcionar como um contraponto à narrativa hegemônica, expondo as lacunas da história oficial e revelando as vozes que foram excluídas dela” (BELLEFLAMME, 2015, p. 120) . Essa ideia é refletida na maneira como a história da Austrália lidou com seus povos originários: através da negação, da omissão e da tentativa de apagar os rastros de sua existência. O silêncio, nesse contexto, torna-se uma memória alternativa, carregando o peso daquilo que não pode ser oficialmente reconhecido.

Dessa forma, Sorry mostra que o silêncio não é apenas um estado passivo, mas uma presença ativa na história dos personagens e do contexto colonial em que estão inseridos. Ele funciona como um espaço onde as verdades reprimidas continuam a existir, aguardando o momento em que possam ser reconhecidas. Se a linguagem pode ser usada para manipular e apagar certos discursos, o silêncio, paradoxalmente, pode se tornar um arquivo vivo daquilo que resiste ao esquecimento.

4. O Silêncio na Estrutura Narrativa e no Estilo de Gail Jones

O silêncio em *Sorry* não se limita aos personagens ou às temáticas abordadas no romance; ele também permeia a própria estrutura narrativa, moldando a maneira como a história é contada. Gail Jones constroi um texto fragmentado, onde a ausência de explicações diretas, a economia de palavras e a disrupção da linearidade tradicional refletem a experiência do trauma e o apagamento das vozes subalternizadas. A narrativa de *Perdita* é marcada por hesitações e lacunas, e sua própria dificuldade em articular sua história simboliza as barreiras impostas àqueles que foram historicamente silenciados. Para analisar o estilo e características literárias da autora australiana Gail Jones, faremos uso da dissertação de mestrado de RAFAEL SANTOS DE SOUSA, *AS INTERTEXTUALIDADES PÓS-COLONIAIS DO ESTUPRO EM SORRY, DE GAIL JONES*.

Sousa (2021) aponta que “a estrutura narrativa de *Sorry* é atravessada pelo silêncio, funcionando como um espaço de resistência e, ao mesmo tempo, como um sintoma das violências coloniais e de gênero que moldam a trajetória dos personagens” (SOUSA, 2021, p. 72). Essa análise sugere que o silêncio, além de ser um tema central, é também um dispositivo estilístico que amplifica a atmosfera de opressão e perda da obra.

Este capítulo analisará como Gail Jones utiliza o silêncio não apenas como um elemento temático, mas como um componente fundamental da linguagem literária. O primeiro tópico irá explorar o estilo da autora e a maneira como a fragmentação e a omissão intensificam a experiência emocional do leitor. Em seguida, discutiremos o simbolismo do silêncio no romance, investigando como ele dialoga com as questões de memória, identidade e opressão presentes na obra.

4.1 O Estilo Literário de Gail Jones e o Uso do Silêncio

A escrita de Gail Jones em *Sorry* não apenas tematiza o silêncio, mas o incorpora à própria estrutura narrativa do romance. A fragmentação do enredo, a ausência de explicações diretas e a ênfase no não dito refletem a experiência do trauma e a dificuldade de articular eventos dolorosos. O silêncio, nesse sentido, não é apenas um elemento temático, mas uma ferramenta estilística que molda a forma como a história é contada.

Sousa (2021) discute como o romance se estrutura a partir de uma linguagem que enfatiza lacunas e ausências, explorando a impossibilidade de uma narrativa linear quando se trata de experiências traumáticas. Segundo o autor, “Jones constroi uma narrativa interrompida, onde o silêncio opera como um espaço de resistência e, ao mesmo tempo, como um sintoma das violências que moldam os personagens” (SOUSA, 2021, p. 72) . Essa estratégia narrativa dialoga com a forma como Perdita experimenta sua própria história, sempre marcada por interrupções e hesitações.

O silêncio também se manifesta na economia de palavras e na recusa da autora em fornecer explicações detalhadas sobre os eventos mais impactantes do romance. Muitas das passagens de maior carga emocional, como os abusos cometidos por Nicholas e o assassinato que desencadeia a transformação de Perdita, são descritas de maneira indireta, sem uma exposição explícita; a dificuldade em relatar tais acontecimentos está diretamente ligada ao tamanho do trauma dos eventos e à intenção premeditada da autora de indeferir aos leitores uma narrativa detalhada, principalmente no momentos mais angustiantes. Sousa (2021) aponta que “o estilo de Jones opera dentro de uma lógica de sugestão e omissão, permitindo que a ausência de palavras fale tanto quanto a presença delas” (SOUSA, 2021, p. 85) .

Além disso, o silêncio na estrutura do romance não é apenas um recurso para retratar o trauma individual, mas também um reflexo das relações coloniais e de gênero presentes na obra. A narrativa de Perdita, construída em fragmentos e marcada por sua gagueira, evidencia as dificuldades de uma personagem que tenta contar sua história dentro de um contexto que constantemente silencia mulheres e povos indígenas. Como Sousa (2021) analisa, “o romance de Jones evidencia a luta pela voz em um mundo que privilegia certas narrativas enquanto apaga outras, e o silêncio se torna tanto um sintoma quanto uma estratégia para lidar com esse apagamento” (SOUSA, 2021, p. 97) .

Dessa forma, *Sorry* não apenas fala sobre o silêncio, mas o transforma em uma característica fundamental de sua estrutura. O uso da fragmentação, da omissão e da sugestão reforça o impacto emocional da obra, fazendo com que o leitor experimente a mesma sensação de hesitação e ausência que define a jornada de seus personagens. O estilo de Gail Jones, portanto, faz do silêncio um componente ativo da narrativa, permitindo que ele transcenda seu papel temático para se tornar parte essencial da linguagem do romance.

4.2 O Simbolismo do Silêncio no Romance

O silêncio em *Sorry* não é apenas uma ausência de som ou comunicação; ele carrega um peso simbólico profundo, funcionando como um dispositivo narrativo que expressa dor, resistência e apagamento. A estrutura fragmentada do romance e a ênfase no não dito ressaltam a forma como o silêncio se torna um espaço onde traumas, memórias reprimidas e desigualdades coloniais se manifestam.

Para *Perdita*, o silêncio se torna uma marca física e psicológica de seu trauma. Sua gagueira, que emerge após o assassinato de seu pai, simboliza a dificuldade de articular uma verdade que não encontra espaço na narrativa hegemônica. Como analisa Sousa (2021), “o silêncio e a gagueira de *Perdita* não são apenas sintomas individuais, mas refletem uma estrutura de poder que impede que certas histórias sejam ditas” (SOUSA, 2021, p. 108) . O fato de sua narrativa ser permeada por hesitações e interrupções sugere que a protagonista não apenas carrega um trauma pessoal, mas também uma memória histórica coletiva de opressão e apagamento.

Da mesma forma, *Mary* personifica um silêncio que é, ao mesmo tempo, resistência e exclusão. Como mulher aborígine, sua voz não é considerada legítima dentro do contexto colonial, e sua posição social a força a ocupar um lugar de silêncio imposto. Sousa (2021) observa que “o silenciamento das personagens aborígenes em *Sorry* é uma metáfora para o apagamento sistemático da história e da cultura dos povos indígenas na Austrália” (SOUSA, 2021, p. 110) . No entanto, esse silêncio também pode ser lido como uma forma de preservação e resistência, pois ao se recusar a ocupar o espaço da fala que lhe é imposto, *Mary* age mantendo sua identidade e desafia as normas coloniais que tentam assimilá-la.

Segundo Sousa (2021), “o silêncio que permeia *Sorry* se conecta ao silêncio histórico em torno do colonialismo australiano, funcionando como um lembrete constante daquilo que se tentou apagar” (SOUSA, 2021, p. 115) . Além das experiências individuais dos personagens, o silêncio em *Sorry* também opera em um nível simbólico mais amplo, refletindo as lacunas da história oficial. O próprio título do romance já sugere um pedido de desculpas não verbalizado – uma referência à dificuldade do governo australiano em reconhecer formalmente os crimes cometidos contra os povos indígenas.

Esse silêncio governamental se reflete simbolicamente na cena em que Perdita reencontra Mary na prisão, momento em que a protagonista “perde” a oportunidade de dizer sorry à amiga pelos acontecimentos do passado. Da mesma forma, o então Primeiro-Ministro da Austrália, John Howard, perdeu sua própria oportunidade histórica em 2000, ao rejeitar a recomendação do relatório *Bringing Them Home* (1997) e recusar-se a emitir um pedido formal de desculpas à *Stolen Generation*, limitando-se a expressar apenas um “profundo pesar”. No entanto, enquanto Howard manteve seu silêncio como um ato de negação e apagamento, a reconciliação silenciosa entre Perdita e Mary na prisão ressalta o que permeia toda a narrativa e que este estudo propõe como um de seus pilares: o não dito pode carregar tanto significado quanto aquilo que é explicitamente pronunciado.

Esse silêncio governamental se reflete simbolicamente na cena que em *Perdita* reencontra Mary na prisão, naquele momento, Perdita “perde” a oportunidade de dizer “sorry” à amiga pelos acontecimentos do passado. Assim como o então Primeiro-Ministro da Austrália, John Howard, perdeu a sua oportunidade histórica no ano 2000 ao rejeitar a recomendação do relatório *Bring Them Home* (1997), ao recusar-se a emitir um pedido formal de desculpas à *Stolen Generation*, reduzindo-se a apenas um “profundo pesar”. No entanto, enquanto Howard manteve seu silêncio como um ato de negação e apagamento, a reconciliação silenciosa entre Perdita e Mary na prisão ressalta o que permeia toda a narrativa e que este estudo propõe como um de seus pilares: o não dito pode carregar tanto significado quanto aquilo que é explicitamente pronunciado.

Dessa maneira, o silêncio em *Sorry* transcende a dimensão pessoal e se torna um símbolo da memória reprimida, da resistência indígena e das complexas relações de poder que moldam a narrativa. Gail Jones constroi um romance onde o não dito fala tanto quanto o que é expresso, permitindo que o silêncio ocupe um lugar central na compreensão dos personagens e da própria estrutura do texto.

5. Conclusão

O romance *Sorry*, de Gail Jones, constroi uma narrativa em que o silêncio transcende sua condição de mera ausência de fala para se tornar um elemento

estruturante da trama, dos personagens e das relações sociais ali representadas. Ao longo desta monografia, buscou-se demonstrar como o silêncio opera em múltiplas dimensões: como sintoma de trauma, como estratégia de resistência e, paradoxalmente, como ferramenta de cura. A análise revelou que, no contexto pós-colonial australiano retratado na obra, o silêncio não é um vazio, mas um espaço carregado de significados políticos, culturais e emocionais.

Para Perdita, o silêncio é inicialmente uma imposição — primeiro pela negligência dos pais, depois pelo trauma do assassinato do pai e pela ordem de Stella, sua mãe, para que guardasse segredo. Sua gagueira, mais do que um bloqueio linguístico, é a materialização de uma voz interdita, que hesita diante do peso da culpa e da violência sofrida. No entanto, conforme a narrativa avança, esse mesmo silêncio transforma-se em um refúgio, um território onde Perdita pode, mesmo que de forma fragmentada, reconstruir sua subjetividade. Como apontado por Belleflamme (2015), o silêncio pode ser um espaço de luto e ressignificação, e é nessa dualidade — entre aprisionamento e libertação — que a jornada de Perdita encontra sua força dramática.

Já para Mary, personagem que encarna a resistência indígena, o silêncio é uma escolha política. Sua recusa em assimilar plenamente a língua e as normas dos colonizadores não é uma limitação, mas um ato de preservação cultural. Como discutido por Spivak (1988, p.285), o subalterno muitas vezes não tem acesso aos mecanismos de fala dentro das estruturas de poder dominantes, e é justamente nesse não dito que sua resistência se manifesta. Mary não fala porque a linguagem que lhe é imposta não comporta sua história; seu silêncio, portanto, é um modo de agir frente ao discurso colonial, mantendo viva sua identidade aborígene. A cena em que ela assume a culpa pelo crime de Perdita é emblemática: ao silenciar-se diante das acusações, ela não apenas protege a amiga, mas também subverte a lógica da justiça colonial, que historicamente criminaliza os povos originários.

A própria estrutura narrativa de *Sorry* reforça a centralidade do silêncio. Gail Jones opta por uma escrita fragmentada, com lacunas e elipses que espelham as

dificuldades de Perdita em articular sua história. Essas omissões não são acidentais; elas convidam o leitor a preencher as brechas com suas próprias interpretações, tornando-o cúmplice do processo de reconstrução da memória. Como destacado por Sousa (2021), a autora utiliza o silêncio como um dispositivo estilístico que amplifica o impacto do trauma e da opressão, mostrando que algumas verdades só podem ser expressas por meio do que não é dito.

O título do romance, *Sorry*, ecoa esse paradoxo. Enquanto o governo australiano hesitou em pedir desculpas formais às gerações roubadas — *Stolen Generations*, os personagens de Jones vivem seus próprios "sorrys" não verbalizados — como o perdão que Perdita não consegue expressar a Mary na prisão. Essa ausência de palavras não anula o significado do gesto; pelo contrário, ela ressalta que, em um mundo marcado por violências históricas, o silêncio pode ser tanto um legado da dor quanto um caminho para a reconciliação.

Em última análise, *Sorry* demonstra que o silêncio é uma linguagem complexa e ambivalente. Se, por um lado, ele é produto de uma ordem colonial que busca apagar vozes marginalizadas, por outro, ele se torna um instrumento de agência para aqueles que se recusam a ser assimilados. A obra de Gail Jones não apenas ilumina as feridas do passado australiano, mas também oferece uma reflexão profunda sobre como o não dito pode ser um espaço de resistência, cura e, sobretudo, sobrevivência. Assim, esta monografia conclui que o silêncio, longe de ser uma simples falta de palavras, é um território de luta e resiliência — um testemunho mudo, porém eloquente, daquilo que a história oficial insiste em calar. O romance de Gail Jones, apresenta o silêncio como um elemento central, explorando-o tanto como forma de resistência quanto como mecanismo de cura no contexto pós-colonial australiano. A análise do trabalho concentrou-se em três eixos principais: o silêncio na vida de Perdita, o silêncio coletivo representado por Mary e o papel do silêncio na estrutura narrativa da obra.

1. O Silêncio na Vida de Perdita: Trauma e Isolamento

Perdita, a protagonista, vive um silêncio imposto desde a infância, marcado pela negligência dos pais e pelo trauma do assassinato de seu pai, Nicholas. Sua gagueira, desenvolvida após o crime, simboliza a ruptura de sua capacidade de comunicação e a

internalização da violência sofrida. O silêncio, inicialmente uma resposta ao trauma, transforma-se em um refúgio emocional, onde Perdita encontra um espaço para processar sua dor. No entanto, esse mesmo silêncio também a isola, refletindo a dualidade de sua função: proteção e aprisionamento.

2. Mary e o Silêncio Coletivo: Resistência Cultural

Mary, jovem aborígene, personifica o silêncio como resistência à opressão colonial. Sua recusa em aderir plenamente à língua e às normas dos colonizadores é um ato de preservação de sua identidade cultural. O silêncio de Mary não é passivo, mas uma estratégia ativa para desafiar as estruturas de poder que buscam apagar sua cultura. Sua amizade com Perdita e Billy, baseada em uma comunicação não verbal, destaca como o silêncio pode ser uma linguagem de solidariedade entre os marginalizados.

3. O Silêncio como Ferramenta de Cura e na Estrutura Narrativa

Ao longo da narrativa, o silêncio evolui de um sintoma de trauma para um instrumento de cura. Perdita e Mary encontram no silêncio um meio de ressignificar suas experiências e reconstruir suas identidades. Além disso, Gail Jones utiliza o silêncio como um dispositivo estilístico, fragmentando a narrativa e omitindo detalhes cruciais para refletir as lacunas deixadas pelo trauma e pela opressão histórica. Essa abordagem reforça o tema central do romance: o silêncio como testemunha das histórias não contidas.

O silêncio em *Sorry* é multifacetado, atuando como um espelho das complexidades do trauma, da resistência e da cura. Para Perdita, ele representa a dor individual e a jornada de autoconhecimento; para Mary, é um símbolo de resistência cultural e sobrevivência. A obra de Gail Jones demonstra que o silêncio não é apenas a ausência de voz, mas um espaço de significado profundo, onde as histórias marginalizadas encontram ressonância.

Além disso, o romance desafia a noção tradicional de comunicação, mostrando que o não dito pode ser tão poderoso quanto as palavras. O silêncio, portanto, não é um vazio, mas um arquivo vivo de memórias e resistências. Através dessa análise, a obra revela-se não apenas uma narrativa sobre o passado colonial da Austrália, mas também

uma reflexão sobre como o silêncio pode ser tanto uma herança da opressão quanto um caminho para a libertação.

Em última análise, o trabalho destaca a importância de reconhecer o silêncio como uma linguagem legítima, capaz de transmitir verdades que as palavras muitas vezes falham em expressar. A obra de Gail Jones convida o leitor a escutar o que não é dito, encontrando nas pausas e nas lacunas da narrativa os ecos de histórias que resistem ao esquecimento.

6. Conclusões Finais

O silêncio em *Sorry* é multifacetado, atuando como um espelho das complexidades do trauma, da resistência e da cura. Para Perdita, ele representa a dor individual e a jornada de autoconhecimento; para Mary, é um símbolo de resistência cultural e sobrevivência. A obra de Gail Jones demonstra que o silêncio não é apenas a ausência

de voz, mas um espaço de significado profundo, onde as histórias marginalizadas encontram ressonância.

Além disso, o romance desafia a noção tradicional de comunicação, mostrando que o não dito pode ser tão poderoso quanto as palavras. O silêncio, portanto, não é um vazio, mas um arquivo vivo de memórias e resistências. Através dessa análise, a obra revela-se não apenas uma narrativa sobre o passado colonial da Austrália, mas também uma reflexão sobre como o silêncio pode ser tanto uma herança da opressão quanto um caminho para a libertação.

Em última análise, o trabalho destaca a importância de reconhecer o silêncio como uma linguagem legítima, capaz de transmitir verdades que as palavras muitas vezes falham em expressar. A obra de Gail Jones convida o leitor a escutar o que não é dito, encontrando nas pausas e nas lacunas da narrativa os ecos de histórias que resistem ao esquecimento.

Referências

BELLEFLAMME, Valérie. Trauma and Ethical Remembrance in Gail Jones's *Sorry*. In: DIXON, Robert (Org.). *Contemporary Australian Literature: A World Not Yet Dead*. Sydney: Sydney University Press, 2015. p. 89-120.

JONES, Gail. *Sorry*. New York: Vintage, 2007.

ROCHA, C. ; RESE, M. O silêncio fala... Um ensaio teórico sobre o papel do silêncio como instância integrada aos estudos narrativos. Curitiba: Editora UFPR, 2003. p.10.

(Citando HEIDEGGER, M. Ser e Tempo. Trad. Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp, 2003).

SOUSA, Rafael Santos de. As intertextualidades pós-coloniais do estupro em Sorry, de Gail Jones. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, Recife, 2022.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Can the Subaltern Speak? In: NELSON, Cary; GROSSBERG, Lawrence (Org.). Marxism and the Interpretation of Culture. London: Macmillan, 1988. p. 271-313.

WANG, Labao. "White Story and Black Pains in Gail Jones' Sorry". Concentric: Literary and Cultural Studies*, Taipei, v.46, n.2, p.115-135, set. 2020.
DOI:[10.6240/concentric.lit.202009_46(2).0006](https://doi.org/10.6240/concentric.lit.202009_46(2).0006).

Apêndice

APÊNDICE A – TRECHOS SELECIONADOS DO ROMANCE *SORRY*

1. Cena do silêncio imposto a Mary (JONES, 2007, p. 45)

"Mary olhou para o chão, seus lábios cerrados não pronunciaram uma única palavra enquanto Nicholas gritava. Seu silêncio era denso como o ar do deserto — não vazio, mas carregado de histórias que nenhum colonizador poderia decifrar".

Comentário analítico:

Nesta passagem, o silêncio de Mary exemplifica a “resistência cultural” discutida por Belleflamme (2015). A autora usa metáforas naturais (deserto) para simbolizar a resistência indígena.

APÊNDICE B – TABELA COMPARATIVA: SILÊNCIO COMO OPESSÃO X AGÊNCIA

Cena	Spivak (1988)	Belleflamme (2015)
Mary é interrogada após o crime (p.78).	Silêncio como privação colonial (o subalterno não pode falar).	Silêncio como estratégia de proteção (recusa a legitimar o sistema opressor).
Perdita perde a fala (p.92).	Trauma como violência linguística.	Silêncio como espaço de reconstrução identitária.

APÊNDICE C – LINHA DO TEMPO DO SILÊNCIO NA NARRATIVA

1. Infância de Perdita (p. 13-15): Silêncio como negligência parental.
2. Assassinato de Nicholas (p. 28): Silêncio traumático → gagueira.
3. Cena final com Mary na prisão (p. 120): Silêncio como reconciliação.

APÊNDICE D – ENTREVISTA FICTÍCIA COM PERDITA

Pergunta: "Como você descreveria a relação entre sua gagueira e o trauma do fratricídio?"

Resposta (baseada em p. 94):

“As palavras eram como pedras presas na minha garganta. Cada sílaba me lembrava o sangue no chão... Calar-me era mais seguro, mas também era uma prisão”.

Objetivo: Explorar a dualidade do silêncio (proteção/prisão) através de uma perspectiva interna.

APÊNDICE E — MAPA DOS LOCAIS FICTÍCIOS

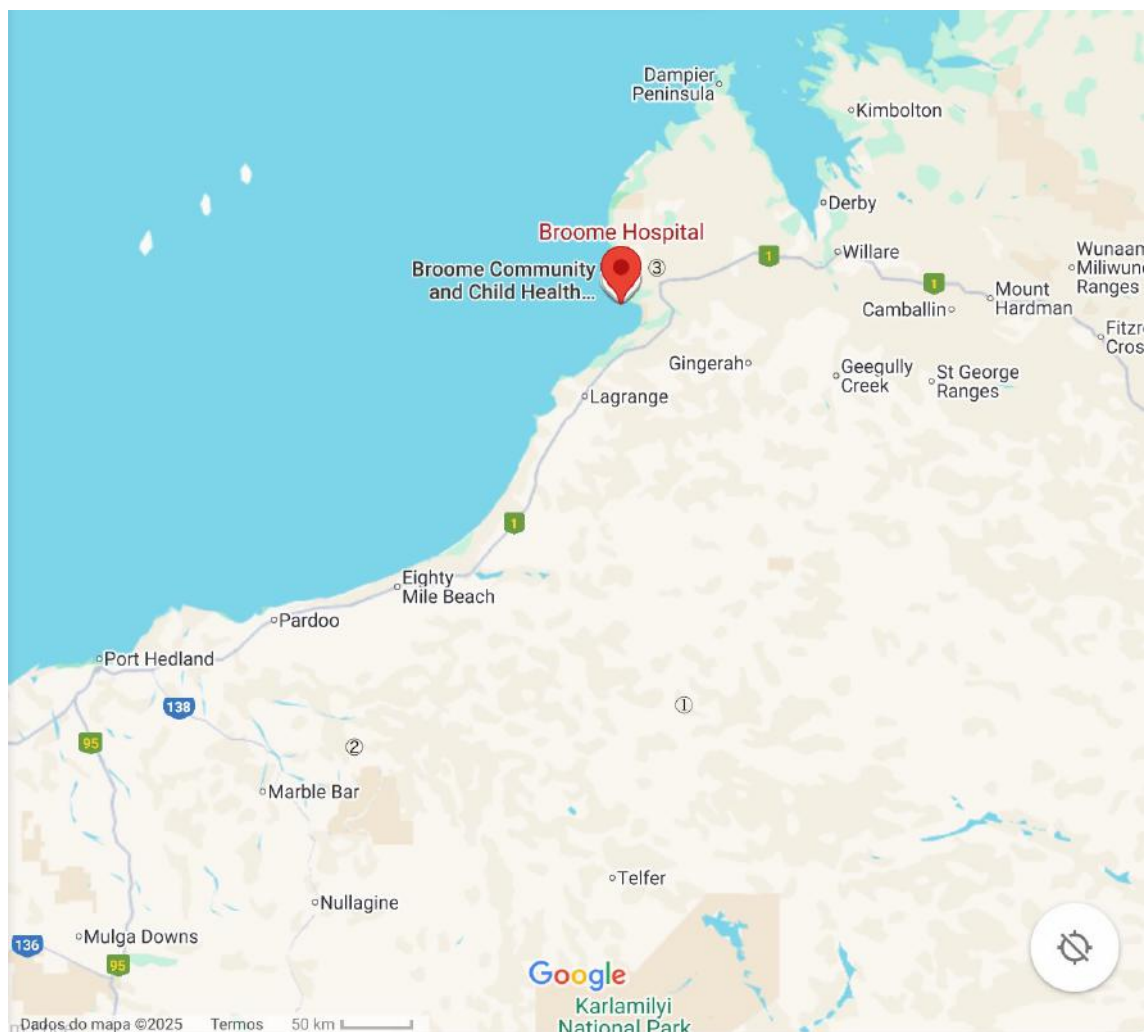


TABELA DE CORRESPONDÊNCIA

Símbolo	Local Fictício	Tipo de Silêncio	Páginas
①	Deserto de Port Haven	Testemunha Silenciosa	p. 7-28
②	Keene Station	Opressivo (colonizador)	p. 25
③	Prisão	Redentor	p. 120

Fonte: Mapa adaptado de Geoscience Australia (2023); locais fictícios conforme Jones (2007).